



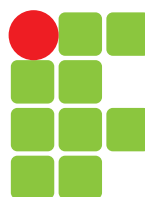
Licenciatura em Espanhol

Teoria da Literatura I
Ana Santana Souza
Ilane Ferreira Cavalcante



Sobre Funções da Literatura

Aula 03



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
RIO GRANDE DO NORTE
Campus EaD

GOVERNO DO BRASIL

Presidente da República
DILMA VANA ROUSSEFF

Ministro da Educação
FERNANDO HADDAD

Diretor de Ensino a Distância da CAPES
JOÃO CARLOS TEATINI

Reitor do IFRN
BELCHIOR DE OLIVEIRA ROCHA

Diretor do Câmpus EaD/IFRN
ERIVALDO CABRAL

Diretora Acadêmica do Câmpus EaD/IFRN
ANA LÚCIA SARMENTO HENRIQUE

Coordenadora Geral da UAB /IFRN
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Coordenador Adjunto da UAB/IFRN
JÁSSIO PEREIRA

Coordenador do Curso a Distância
de Licenciatura em Letras-Espanhol
CARLA AGUIAR FALCÃO

TEORIA DA LITERATURA I

Aula 03

Sobre Funções da Literatura

Professor Pesquisador/conteudista
ANA SANTANA SOUZA
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Diretor da Produção de
Material Didático
ARTEMILSON LIMA

Coordenadora da Produção de
Material Didático
SIMONE COSTA ANDRADE DOS SANTOS

Revisão Linguística
ELIZETH HERLEIN

Coordenação de Design Gráfico
ROSEMARY PESSOA BORGES

Diagramação
HERBART MUNIZ DE AZEVEDO JUNIOR

Ilustração
MATEUS PINHEIRO DE LIMA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Joel de Albuquerque Melo Neto CRB 15/320

C837i Souza, Ana Santana.
Teoria da literatura I / Ana Santana Souza, Ilane Ferreira
Cavalcante. Natal : IFRN, 2012.
Várias paginações : il. color.

ISBN 978-85-8333-032-5

1. Teoria da literatura. 2. Literatura – Estudo e ensino. 3.
Literatura – Conceito. I. Cavalcante, Ilane Ferreira. II. Título.

CDU 82.0



Aula 03

Sobre Funções da Literatura

Apresentação e Objetivos

As aulas anteriores trataram de alguns conceitos fundamentais para quem estuda a literatura, a questão da literariedade, o conceito de literatura e a relação desta com a história e com a sociedade, entre outras coisas. Agora, você vai refletir um pouco sobre outro aspecto. Para começar, uma pergunta: teria a literatura alguma função? Vamos pensar sobre isso? Esse vai ser o principal tema a ser discutido nesta aula.

Ao final desta aula, você deve estar apto a:

- compreender como a teoria tem refletido acerca das funções da literatura;
- refletir sobre uma função educativa da literatura.



Para Começar

Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.
Algumas, tão fortes
como o javali.
Não me julgo louco.
Se o fosse, teria
poder de encantá-las.
Mas lúcido e frio,
apareço e tento
apanhar algumas
para meu sustento
num dia de vida.
Deixam-se enlaçar,
tontas à carícia
e súbito fogem
e não há ameaça
e nem há sevícia
que as traga de novo
ao centro da praça.
[...]

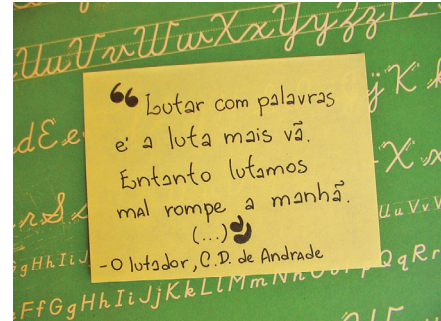
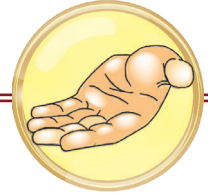


Fig. 01 - poema no quadro

O ciclo do dia
ora se conclui
e o inútil duelo
jamais se resolve.
O teu rosto belo,
ó palavra, esplende
na curva da noite
que toda me envolve.
Tamanha paixão
e nenhum pecúlio.
Cerradas as portas,
a luta prossegue
nas ruas do sono.

Carlos Drummond de
Andrade. *O lutador*

O poema *O lutador*, do poeta Carlos Drummond de Andrade, representa o esforço do poeta na construção poética. Ele trava uma eterna luta com a palavra. Uma luta individual e solitária, a portas cerradas, no ciclo do dia, nas horas insones, na curva da noite. Uma luta que é vã, pois não haverá vencedores, mas é constante e da qual o poeta não desiste. Poderíamos questionar por que, mas sabemos que a literatura tal qual envolve o poeta, envolve também o leitor. Por nos sentirmos envolvidos e participantes, então, podemos pensar que a literatura exerce uma função na nossa formação. Que função seria essa? Vamos discutir isso nesta aula.



Duas questões – o que é e qual a função da literatura? – estão sempre presentes nas salas de aula de estudo sobre a literatura e, inclusive, em nossa prática enquanto professores da área de Letras. Já discutimos o que é, ou melhor, já percebemos o quanto é difícil conceituar ou definir o que é literatura. As correntes teóricas sobre as quais vamos nos debruçar aqui nesta e nas próximas aulas têm tentado, ao mesmo tempo, responder, aceitando ou negando. A outra questão, qual a função da literatura? Paralelamente, elas têm se



Fig. 02 - Estante de livros

debruçado sobre o que constitui a literatura.



Fig. 03 - Horacio

Horacio: Venússia, 66 a. C. - Roma, 8 a. C.

Poeta latino.

Horácio é o grande inovador da poesia latina, na qual introduz novos critérios métricos e uma concepção original dos quatro gêneros que cultiva: os epodos, as sátiras, as odes e as epístolas.

Leia mais em: http://www.ufrgs.br/proin/versao_1/arte/index.html

Quando à função, vale lembrar que, da mesma forma que o conceito de literatura tem sofrido várias transformações ao longo dos séculos e das diferentes sociedades, a função da literatura também tem. E essa questão nos interessa justamente por isso, pois as diferentes respostas que foram dadas a essa pergunta, ao longo do tempo, informam como cada sociedade e época percebeu a literatura. Assim, essa pergunta não interessa pela resposta em si, mas pela sua história.

Se remontarmos à **Horacio** (66 a.C a 8a.C), ele afirma em sua *Arte poética*, vv. 333-334: “Ou ser úteis ou deleitar querem os poetas, ou, simultaneamente, cantar alegrias e utilidades à vida”. Essa afirmação já indica uma preocupação com a função do fazer estético-literário, informando que a função da literatura pode ser direcionada ao prazer estético, ou a um objetivo mais específico, ser útil. Mas, útil em quê? Ele não afirma.

Séculos mais tarde, os trovadores, em plena Idade Média, vão perceber e cantar a sua arte defendendo que ela possui um fim em si mesma, ou seja, que ela existe para satisfazer a uma finalidade estética, nasce aí a ideia que se transformaria no conceito de **arte pela arte**¹ que será melhor

1 O conceito de arte pela arte aparece pela primeira vez, de acordo com Vitor Manuel de Aguiar e

definido e defendido no século XIX. A ideia de que a arte existe gratia sui, ou seja, sem uma função definida e para servir a si mesma, ou a uma finalidade estética, se concretiza na compreensão de que o belo não precisa ser útil, pois sua utilidade, sua finalidade, é a própria existência. E ele existe porque o ser humano necessita que exista. Isso significa que o senso estético é intrínseco ao ser humano, ele precisa da arte, precisa do belo e, por isso, ele o cria.

Para o filósofo Immanuel **Kant**, por exemplo, o sentimento estético é indiferente à necessidade prática, assim, a finalidade da arte seria a pura contemplação, que mescla intelecto e fantasia, sendo estas as duas faculdades estruturantes do sujeito consciente. O prazer que decorre dessa atividade estética é uma satisfação desinteressada, um prazer isento de função utilitarista. A filosofia de Kant tem grande influência, a partir do romantismo, nas teorias acerca da literatura.

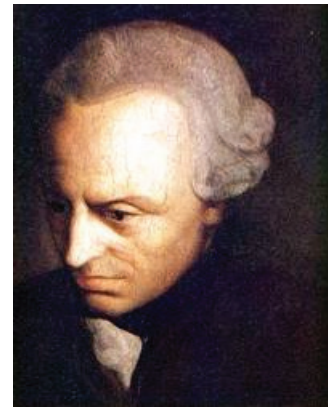


Fig. 04 - Kant

Se a literatura não possui uma finalidade prática, também não possui uma utilidade moral. Essa é uma outra questão que assombra todos aqueles que lidam com o fenômeno literário, porque um dos usos que se fez da literatura na sociedade foi exatamente o de passar exemplos e para isso não precisamos ir muito longe. Os contos de fada foram muito utilizados para essa finalidade e até hoje o são, ensinando as mocinhas a se comportar e a adquirir valores ideais para a convivência em sociedade. Os desenhos animados e os filminhos para crianças, muitas vezes, são criados com uma explícita finalidade de passar um exemplo, um ensinamento. Obviamente, a literatura pode ser utilizada para isso, mas não deve ser criada só para isso e não precisa ser utilizada só para isso.

Immanuel Kant nasceu, estudou, lecionou e morreu em Königsberg. Jamais deixou essa grande cidade da Prússia Oriental, cidade universitária e também centro comercial muito ativo para onde afluíam homens de nacionalidade diversa: poloneses, ingleses, holandeses. A moral de Kant é exposta nas obras que se seguem: o *Fundamento da Metafísica dos Costumes* (1785) e a *Crítica da Razão Prática* (1788). Finalmente, a *Crítica do Juízo* (1790) trata das noções de beleza (e da arte) e de finalidade, buscando, desse modo, uma passagem que una o mundo da natureza, submetido à necessidade, ao mundo moral onde reina a liberdade.

Leia mais: <http://www.mundodosfilosofos.com.br/kant.htm#ixzz1TtRmCFFT>

Silva, em 1804, no *Journal intime* de Benjamin Constant, mas já estaria sendo moldado desde a Idade Média a partir das práticas dos trovadores.

Se retomarmos **Aristóteles**, no Capítulo IV de sua *Poética*, ele vai afirmar:

O imitar é congênito no homem (e nisso difere dos outros viventes, pois, de todos, é ele o mais imitador e, por imitação, apreende as primeiras noções), e os homens se comprazem no imitado. (1990, p. 107).

Aristóteles - 384 a.C. - 322 a.C..

Mestre dos que sabem”, assim se lhe refere Dante na Divina Comédia. Com Platão, Aristóteles criou o núcleo propulsor de toda a filosofia posterior. Mais realista do que o seu professor, Aristóteles percorre todos os caminhos do saber: da biologia à metafísica, da psicologia à retórica, da lógica à política, da ética à poesia. Impossível resumir a fecundidade do seu pensamento em todas as áreas.

Leia mais em: <http://www.vidaslusofonas.pt/aristoteles.htm>

Aristóteles começa sua poética apresentando um fato fundamental, o homem imita (isto é, representa) porque isso lhe é congênito, é intrínseco e absolutamente necessário. A partir daí, ele apresenta aqui dois conceitos fundamentais que caracterizam a literatura: a *mimese* e a *catarse*. O primeiro conceito percebe a literatura como representação da realidade – mimese. O segundo determina que o homem sente prazer ao tomar contato com a arte e mais que isso, complementa ele, esse prazer é de tal forma importante, que purga os sentimentos dos homens:

[...] nós contemplamos com prazer as imagens mais exactas daquelas mesmas coisas que olhamos com repugnância, por exemplo, animais ferozes e cadáveres. Causa é que o aprender não só muito apraz aos filósofos, mas também, igualmente, aos demais homens, se bem que menos participem dele. Efectivamente, tal é o motivo por que se deleitam perante as imagens: olhando-as, aprendem e discorrem sobre o que seja cada uma delas [...]. (1990, p. 107).

Esse aprendizado, diz ele, ao definir a tragédia, tem por função a purificação das emoções. Assim é que, no primeiro teórico que sistematizou o estudo sobre a literatura, já está presente a preocupação com a função da literatura, nesse caso, como um elemento moralizante.

Ao longo do tempo, muitos teóricos e muitos escritores debateram essa função moralizante da literatura e alguns se posicionaram de forma bastante enfática contra isso, inclusive em sua produção estética. O poeta **Charles Baudelaire**², por exemplo, afirmava: “É doloroso verificar que encontramos erros semelhantes em duas escolas opostas: a escola burguesa e a escola socialista. Moralizemos! Moralizemos! Exclamam ambas com uma febre de missionários. Naturalmente, uma prega a



Fig. 05 - As flores do mal

² Charles Baudelaire foi um dos maiores poetas franceses de todos os tempos. Pioneiro da linguagem moderna, impôs à realidade uma submissão lírica. Seu principal livro de poesia é “As Flores do Mal” (1857). Entre seus ensaios, destaca-se “O Princípio Poético” (1876), em que fixa as bases de seu trabalho. Leia mais: <http://educacao.uol.com.br/biografias/charles-baudelaire.jhtm>



Fig. 06 - A morte da arte conceitual.

moral burguesa e a outra a moral socialista. Desde então, a arte não é mais do que uma questão de propaganda.” (apud AGUIAR E SILVA, 1979, p. 89). Baudelaire, portanto, condena toda literatura que se propõe a um objetivo moral. Obviamente, a essa posição ele contrapõe uma outra, a sua própria poesia, que se propõe a representar uma moral própria da arte, independente da moral social.

Para além da arte pela arte ou da função moral ou social da literatura, importa, para nós, professores, que lidamos com a literatura como instrumento de aprendizagem, repensarmos as funções da literatura. Sobre isso, vamos continuar a refletir no próximo tópico. Mas, antes, que tal parar um pouco e fazer uma atividade?



Mãos à obra

1. Com base no que você leu e da sua própria experiência como leitor, que funções você daria à literatura? Ela tem alguma relevância para você? Por quê?

2. HÁ UMA FUNÇÃO EDUCATIVA NA LITERATURA?

Leia o texto a seguir:

A raposa e as uvas

Esopo³

Uma Raposa que vinha à beira da estrada, encontrou uma parreira com uvas madurinhas. Passou horas pulando tentando pegá-las, mas sem sucesso algum... Saiu murmurando dizendo que não queria mesmo, porque estavam verdes. Quando já estava indo, um pouco mais à frente, escutou um barulho como se alguma coisa tivesse caído no chão... voltou correndo pensando ser as uvas que tivessem caído, quando chegou lá, mas que decepção, era apenas uma folha que havia caído da parreira. A raposa decepcionada virou as costas e foi-se embora.



Moral - É fácil desprezar aquilo que não se pode alcançar.

Fig. 07 - A raposa e as uvas

A fábula de **Esopo** é o exemplo de um texto criado com a finalidade de passar uma moral, um exemplo. Por isso, as fábulas, em geral, trazem exatamente uma linha final que deixa explícita essa intenção. Vários textos da literatura infantil foram produzidos ou utilizados com essa finalidade. Principalmente, a partir do século XVIII, quando o conceito de família, de criança e de educação infantil passam por uma grande mudança e há uma intencionalidade de que a educação familiar e escolar prepare a criança para o convívio com a sociedade, ensinando-lhe os valores necessários a esse convívio.

Mas será que toda literatura tem essa intencionalidade? Na verdade, sabemos que não. Isso não impede nem que ela seja importante, nem que ela seja usada na escola. Vamos lembrar Calvino ((2009) quando afirma, como já citamos, ao falar da leitura dos clássicos, que uma das funções da escola é dar ao aluno opções para a leitura da literatura, de forma que ele consiga, depois e além da escola, elaborar o seu cânone pessoal, ou seja, a lista daqueles livros que considera fundamentais e relevantes para si mesmo. Bem, essa afirmação de Calvino já traz implícita a ideia de que ler literatura é imprescindível e a escola é fundamental nesse processo de desenvolvimento do gosto literário. Mas outros escritores atualmente também se preocupam com a função (ou funções) da literatura.

Harold Bloom, em seu livro *Como e por que ler* (2001) afirma que o prazer da leitura é pessoal e não social e que a prática da leitura é, acima de tudo, uma prática

³ Esopo é um fabulista grego do século VI a.C.. O local de seu nascimento é incerto — Trácia, Frígia, Etiópia, Samos, e Sardes todas clamam a honra. Eventualmente morreu em Delfos. Na verdade, todos os dados referentes a Esopo são discutíveis e trata-se mais de um personagem lendário do que histórico. Leia mais em: <http://www.contandohistoria.com/esopo.htm>



Fig. 08 - Conjunto de palavras

educativa. Isso significa que, diz ele, lemos para crescer de forma prazerosa, pois, “Caso pretenda desenvolver a capacidade de formar opiniões críticas e chegar a avaliações pessoais, o ser humano precisará continuar a ler por iniciativa própria.” visto que, ele continua, “Uma das funções da literatura é nos preparar para uma transformação, e a transformação final tem caráter universal”. (BLOOM, 2001, p. 17).

Umberto Eco, por sua vez, em seu ensaio *Sobre algumas funções da literatura* (2003), estabelece interessantes objetivos para a leitura literária que valem a pena ser reproduzidos aqui. Ele parte do princípio de que a literatura é um bem que se consome *gratia sui*, ou seja, para o próprio prazer e sem nenhum objetivo *a priori*. Mas, para além disso, ela assume uma série de funções na vida individual e social dos leitores.

1. “A literatura mantém em exercício, antes de tudo, a língua como patrimônio coletivo.” (ECO, 2001, p. 10)

A língua, diz ele, vai para onde quer, mas é sensível às sugestões da literatura, o que significa dizer que a literatura transforma a língua e cita o exemplo de Dante, que critica os inúmeros dialetos falados na Itália de seu tempo e decide forjar um vulgar comum em sua *Divina Comédia* que, ao longo dos séculos, acabou por afirmar-se como base da língua italiana.

Essa função primeira leva a uma segunda, posto que:

2. “A literatura, contribuindo para formar a língua, cria identidade e comunidade.”(op. cit., p. 11)

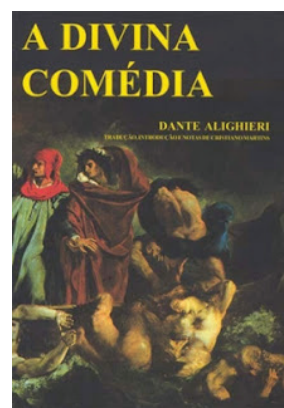


Fig. 09 - A divina comédia

Assim é que a construção da identidade de uma comunidade linguística passa pela construção de sua literatura. Assim, a literatura de um determinado idioma impregna e é impregnada, dialeticamente, pela língua usada naquela comunidade e uma interfere na outra e na formação da cultura e da identidade local. E ele alerta:

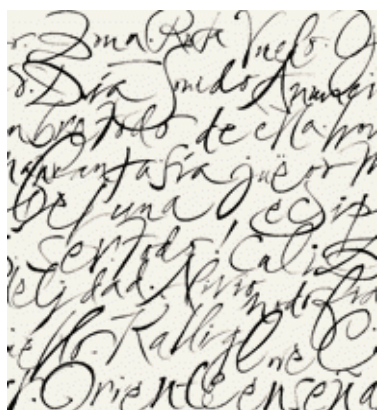


Fig. 10 - manuscrito

Hoje muitos choram o nascimento de uma linguagem neotelegráfica que se está impondo através do correio eletrônico e das mensagens dos celulares, em que se diz eu te amo até com uma sigla; mas não nos esqueçamos que os jovens que enviam mensagens nesta nova estenografia são, pelo menos em parte, os mesmos que enchem essas novas catedrais do livro que são as grandes livrarias de muitos andares e que, mesmo que folheiem sem comprar, entram em contato com estilos literários cultos e elaborados, aos quais seus pais, e certamente seus avós, sequer foram expostos.(ECO, 2001, p. 11).

A fala de Eco alerta contra os fatalistas que preveem o fim do livro e o desmanche da língua devido à intervenção,

na vida diária, das novas tecnologias da informação e da comunicação. Ele lembra que, ao mesmo tempo em que transformam a linguagem cotidiana, essas novas tecnologias também levam aos jovens e aos usuários em geral informações a que antes eles não teriam acesso e que, muitas vezes, os levam a frequentar espaços a que antes não iriam, como as grandes livrarias.

Esse acesso à informação e à leitura que as pessoas têm hoje em dia, leva a uma outra função da literatura, que ele enumera:

3. "A leitura da obra literária nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade de interpretação". (ECO, 2001, p. 12).

Assim, diz ele, a leitura da literatura leva ao contato com um mundo aberto, passível de uma série de interpretações que podem ser confrontadas com as proposições que o leitor tem em relação a si mesmo e ao mundo. Evidentemente, ele ressalva, a obra literária não é tão aberta que aceite qualquer tipo de interpretação, mas aquelas que são induzidas pela própria leitura e pelos recursos utilizados na construção do texto.



Fig. 11 - Várias releituras da peça Romeu e Julieta, de Shakespeare, realizadas através de linguagens e de formatos diferentes em diferentes épocas.

Essa liberdade que o texto literário oferece encaminha Eco a propor mais uma função:

4. O mundo da literatura nos oferece um modelo imaginário de verdades que podem ser denominadas de "verdades hermenêuticas".



Fig. 12 - Gargantua

Isso implica no fato de que, apesar de os leitores terem a liberdade de fazer algumas interpretações forçadas sobre os textos literários, pode-se sempre afirmar que aqueles livros não explicitam, não afirmam, não sugerem ou não insinuem essas interpretações. Por isso, não é admissível afirmar que alguém saiu atirando em outras pessoas porque leu um livro de ficção científica em que um personagem fazia o mesmo, a não ser, evidentemente, que o indivíduo em questão não tenha senso de realidade ou esteja preso às suas próprias alucinações. Assim, é preciso, na liberdade de interpretação do leitor, estar atento às verdades internas ao próprio texto e que podem residir no uso da linguagem, na estrutura do texto, nos temas abordados, no contexto de criação do texto, enfim, no conjunto desses elementos.

Um aspecto da literatura, que leva Eco a abordar a próxima função da literatura, está presa a um desses aspectos intrínsecos aos textos que são os seus personagens que, muitas vezes, tornam-se tão verdadeiros que migram de um texto ou outro e adquirem vida própria, independente de seu autor.

5. Há personagens que se tornam indivíduos que vivem fora das partituras originais, e mesmo pessoas que jamais leram a partitura arquetípica podem fazer, sobre eles, afirmações pretensamente verdadeiras.”(p. 16)

Essa migração de texto para texto ocorre em função da relação da sociedade com aquele texto específico. Assim, esses personagens passam a representar valores que ultrapassam a especificidade do livro onde estão inseridos, tornando-se “coletivamente verdadeiros” ao longo dos anos, ou dos séculos. Eles são eleitos pela sociedade como “modelos de vida, nossa e de outros, e nos compreendemos muito bem quando dizemos que alguém tem complexo de Édipo, um apetite gargantuesco, um comportamento quixotesco, os ciúmes de um Otelo, uma dúvida hamletiana ou é um irremediável Don Juan [...]”. (ECO, 2001, p. 17).



Fig. 13 - Otelo

Assim é que, por todo o conjunto dessas funções que Eco determina, ele chega à última função:

6. A literatura tem uma função educativa.

Ler um conto também quer dizer ser tomado por uma tensão, por um espasmo. [...] É a descoberta de que as coisas aconteceram, e para sempre, de uma certa maneira, além dos desejos do leitor. O leitor tem que aceitar essa frustração, e através dela experimentar o calafrio do destino. [...] A função dos contos 'imodificáveis' é precisamente esta: contra qual-

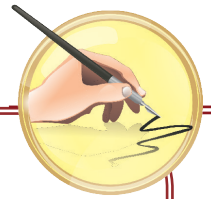


Fig. 14 - morte

quer desejo de mudar o destino, eles nos fazem tocar com os dedos a impossibilidade de mudá-lo. E assim fazendo, qualquer que seja a história que estejam contando, contam também a nossa, e por isso nós os lemos e os amamos". (ECO, 2001, p. 21).

A função educativa da literatura não se reduz à transmissão de ideias morais, boas ou más, ou à transformação do sentido do belo. A educação que a literatura nos traz diz respeito ao destino e à morte, e essa seria, para Eco, talvez a mais importante função da literatura. O que você acha disso? Que tal refletir um pouco sobre isso?

Mãos à obra



1. Reflita sobre os posicionamentos de Umberto Eco e estabeleça, para você, uma lista de razões que o levariam a utilizar a literatura na sua prática como professor de uma língua estrangeira.

2. Em sua opinião, por que Eco considera a educação para o destino e para a morte a mais importante função da literatura?



Já sei!

Nesta aula você percebeu que responder à questão sobre qual seria a função da literatura talvez não seja muito relevante, mas é importante perguntar-se sobre isso, porque buscar a resposta implica em conhecer um pouco das formas como a literatura foi vista pela sociedade e foi discutida pela crítica e como ela, mesmo não tendo uma função prática, tem a importante função de fazer o homem pensar sobre si mesmo, sobre o mundo e sobre a sociedade e isso, por si só, já seria fundamental.

Para perceber isso, você teve acesso, ao longo desta aula, ao pensamento de alguns importantes teóricos e filósofos da literatura que refletiram sobre essa temática.



Autoavaliação

Você já sabe que a literatura não tem uma função prática. Entretanto, é possível perceber, numa obra, contribuições para a formação humana, na individualidade do sujeito ou na sua vida social. Para identificar algumas dessas contribuições, leia o texto *Desenredo*, de Guimarães Rosa, que está disponível em nosso material complementar, e destaque elementos que você considera importantes para o homem refletir sobre si mesmo e sobre a vida em comunidade. Tome como ponto de partida o que você estudou nesta aula.



Um passo a mais

Leia o texto de Armindo Trevisan, que consta de seu material complementar. Nele você vai ver uma excelente reflexão sobre o que seria uma das funções da literatura: a função social.

TREVISAN, Armindo. *Reflexões sobre a poesia*. Porto Alegre: InPress, 1993.



AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da Literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

ANDRADE, Carlos Drummond de. O lutador. Disponível em: /letras.terra.com.br/carlos-drummond-de-andrade/818514/ Acesso: 02 de agosto de 2011.

ARISTÓTELES. **Poética**. 2 ed. Tradução Eudoro de Souza. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990.

BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Tradução José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Penguin, 2009.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ESOPO. **A raposa e as uvas**. Disponível em: <http://criancagenial.blogspot.com/2008/03/fbulas-de-esopo.html> Acesso em: 02 de agosto de 2011.

HORÁCIO. Epistola ad Pisones. In: _____. **Arte poética**. Tradução Mauri Furlan. Disponível em: <http://www.latim.ufsc.br/986ED7F3-3F3A-4BC2-BBE3-A3514D872AC1.html> . Acesso: 29 de agosto de 2011.

ROSA, J. G. Desenredo. In: ROSA, J. G. **Tutaméia** - terceiras estórias. RJ: Nova Fronteira, 1985.

Fonte das figuras

Fig. 01 - <http://justpostitnika.blogspot.com.br/2010/11/o-lutador-carlos-drummond-de-andrade.html>

Fig. 02 - http://3.bp.blogspot.com/_zI-c3zeylbQ/Ss51XXLZqYI/AAAAAAAAAPc/1gV_7vKChDo/S271/livros2.jpg

Fig. 03 - <http://multiply.com/mu/judias/image/2/photos/upload/300x300/Q3VkiGoKCjYAAC9cAwU1.gif/horacio.gif?et=or5IsI48X10RxBWM3N5HVg&nmid=3716004>

Fig. 04 - <http://www.grandesmensagens.com.br/wp-content/uploads/2010/07/Immanuel-Kant-Painted-portrait.jpg>

Fig. 05 - <http://www.baixarlivrosgratis.net/wp-content/uploads/2010/12/as-flores-do-mal.jpg>

Fig. 06 - http://www.heavyyy.com/wp-content/uploads/2011/04/stuckists_death_of_conceptual_art_demo_3.jpg

Fig. 07 - <http://www.blablagol.com.br/wp-content/uploads/2010/04/Raposa-e-as-Uvas.jpg>

Fig. 08 - http://1.bp.blogspot.com/_DzluEtirViY/S_N_Gvm94YI/AAAAAAAAAjQ/GPcK0hACQKw/s1600/newcloud%5B1%5D.JPG

Fig. 09 - <http://www.mariapreta.org/2011/07/leitura-para-todos-divina-comedia.html>

Fig. 10 - http://images04.olx.com.br/ui/3/71/16/57796516_1.jpg

Fig. 11 - <http://www.submarino.com.br/produto/6/21364341/dvd+romeu+e+julieta>

<http://www.ecult.com.br/noticias/%E2%80%9Co-casamento-de-romeu-e-julieta%E2%80%9D-sera-exibido-no-coliseu-em-camaqua>

http://www.exeter.ac.uk/bdc/collections/cinema_institution_programmes.shtml

<http://myanimelist.net/forum/?topicid=121043>

<http://teatroguitaromeuejulieta.blogspot.com.br/>

Fig. 12 - http://www.devoir-de-philosophie.com/images_dissertations/27901.jpg

Fig. 13 - <http://www.osmenoreslivrosdomundo.com.br/livros.php?categoria=classicos-da-literatura&titulo=4-otelo-william-shakespeare>

Fig. 14 - <http://2.bp.blogspot.com/-kquXwW9tx-E/TbIGnFq4p4I/AAAAAAAAAKo/zFfMybLLUSA/s1600/5351morte.jpg>